

Novo racismo, fundamentalismo islâmico e o fortalecimento das direitas no mundo ocidental

New racism, Islamic fundamentalism and the strengthening of the right in the western world

Átila de Alencar Araripe Magalhães¹

Renata Albuquerque Lima²

Natércia Sampaio Siqueira³

-
- 1 Doutorando em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Mestre em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Especialista em Direito e Processo Tributários pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR e especialista em Direito Empresarial pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. É professor de Direito Processual Civil da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. O trabalho encontra-se vinculado ao Grupo de Pesquisa “Relações Econômicas, Políticas e Jurídicas na América Latina - REPJAL” e este autor registra o apoio da Universidade de Fortaleza como entidade financiadora das suas pesquisas, por meio da Diretoria de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação - DPDI. Advogado.
 - 2 Pós-Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutora em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Mestre em Direito Constitucional pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em Direito pela UFC e em Administração de Empresas pela UECE. Professora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) da UNICHRISTUS. Professora Adjunta do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Coordenadora do Curso de Direito da Faculdade Luciano Feijão - FLF. Advogada.
 - 3 Doutora em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Resumo: Nos últimos anos viu-se o ressurgimento da direita no mundo ocidental. Mas quais seriam as razões justificadoras desse fato? Disputas econômicas, culturais, religiosas e a imigração são algumas das causas que podem explicar o porquê de parcela significativa da população dos países desenvolvidos creditar à ideologia direitista a esperança para a resolução dos problemas que se apresentam nesse século XXI. Em especial, quanto à questão religiosa, o fundamentalismo islâmico pode ser citado, talvez como o principal fator que está a fortalecer a direita no hemisfério norte. Esse extremismo religioso tem ocasionado vários ataques terroristas pelo mundo ocidental. Assim, começa-se a compreender o porquê da eleição de líderes direitistas, a exemplo de Donald Trump, nos Estados Unidos da América. É justamente esse o perfil de líder buscado pelos que defendem essa corrente ideológica para servir de anteparo ao crescimento do terrorismo. Alguém de fora do *establishment*, que se insurja contra as forças tradicionais que têm atuado na política e na economia do pós-segunda guerra mundial; alguém capaz de garantir a soberania do país em tempos de globalização. O discurso dessa nova Direita tem em comum o nacionalismo e o anti-liberalismo. Para fundamentar esse *paper*, os autores procederam com pesquisas de natureza qualitativa e bibliográfica, realizadas por meio de livros, periódicos e efemérides nacionais e estrangeiras.

Palavras-chave: Islamismo; Direita; Nacionalismo; Novo racismo; Antiliberalismo.

Mestre em Direito Tributário pela Universidade federal de Minas Gerais. Atualmente é Procuradora Fiscal da Procuradoria Geral do Município de Fortaleza e professora da graduação, mestrado e doutorado do Curso de Direito da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Membro do grupo de pesquisa “Relações Econômicas, Políticas e Jurídicas na América Latina”, mantido pela UNIFOR.

Abstract: In the last years there has been a resurgence of the right in the western world. But what has caused that? Economic, cultural and religious disputes and immigration are some of the causes that may explain why a significant portion of the population of developed countries should credit the right-wing ideology with hope for the resolution of the problems that are present in the twenty-first century. In particular, on the religious question, Islamic fundamentalism can be cited, perhaps as the main factor that is strengthening the right in the northern hemisphere. This religious extremism has led to several terrorist attacks throughout the Western world. Thus, one begins to understand the reason for the election of right-wing leaders, like Donald Trump, in the United States of America. This is precisely the profile of the leader sought by those who defend this ideological current to serve as a buffer against the growth of terrorism. Someone outside the establishment, who fights against the traditional forces that have acted in the politics and economy of post-World War II; someone capable of guaranteeing the country's sovereignty in times of globalization. The speech of this new Right has in common the nationalism and the anti-liberalism. In order to substantiate this paper, the authors proceeded with qualitative and bibliographical research, carried out through national and foreign books and periodicals.

keywords: Islam; Right; Nationalism; New racism; Antiliberalism.

1 Introdução

Há quem acredite que os políticos têm de atingir um padrão máximo de racionalidade, têm de respeitar a *res pública* e devem ser virtuosos, civicamente falando. Os au-

tores desse trabalho não acreditam nessa visão romântica da política, ou da classe política. Os políticos nada mais são do que os representantes da sociedade, com as suas qualidades, mas também com os seus defeitos.

Em um momento delicado no âmbito da política mundial e, em especial, da política nacional, onde se tenta corrigir comportamentos por meio de reformas político-partidárias e eleitorais, o que realmente se busca é a ordem, um Estado capaz de fazer valer o império da lei. Nesse sentido, tem-se a plena convicção de que a sociedade, em termos majoritários, não almeja o enfraquecimento ou a aniquilação do poder, ou mesmo a implantação de modelos anarquistas desconectados da realidade e da atualidade dos acontecimentos.

Essa tentativa de ruptura do sistema é inteligível, porém inadmissível. A luta de classes oriunda da Revolução Industrial tem cada vez mais tomado corpo. Alguns que se dizem ser os porta-vozes da classe trabalhadora sustentam um discurso demagógico, utópico e inconsequente que ataca diretamente as instituições democráticas e defendem inclusive a destruição da sociedade atual para que ela seja refundada, do zero.

Como falado anteriormente, essa visão revolucionária não representa a opinião da maioria da sociedade, e como consequência, vê-se surgir um antagonismo ideológico ao marxismo, qual seja, a defesa de um Estado forte, ativo e ético. Esses opostos têm em comum o ataque ao liberalismo político, um dos pilares do regime democrático.

Nessa esteira, vê-se que as estruturas institucionais da democracia representativa encontram-se em cheque, em cerrado ataque por parte das forças da esquerda e da direita. Os fundamentos dessa disputa ideológica são discrepantes, se analisadas as conjunturas dos vários países no mundo. Disputas econômicas, culturais, religiosas e a imigração são algumas das causas que podem explicar o porquê de parcela

significativa da população mundial acreditar que a esperança para a resolução dos problemas da atualidade encontra-se apenas na política.

A eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos da América, por exemplo, é uma forte evidência de que o perfil de líder buscado é alguém de fora do *establishment*, alguém que se insurja contra as forças tradicionais que têm atuado na política e na economia do pós-segunda guerra mundial, alguém capaz de garantir a soberania do país em tempos de globalização.

Em outras partes do mundo ocidental, vê-se também líderes de matizes mais direitistas surgirem com promessas de mudanças, a exemplo de Marine Le Pen, do Partido Frente Nacional da França e do holandês Geert Wilders, do Partido da Liberdade, os quais, em vários pleitos, nunca chegaram tão perto de serem eleitos.

O discurso dessa “nova” Direita tem em comum o nacionalismo e o antiliberalismo. O Brasil também surge nesse cenário de ressurreição da Direita, talvez pelo fato das suas principais lideranças políticas, inclusive os representantes máximos da classe trabalhadora, encontrem-se envolvidas em vários escândalos de corrupção. Nesse contexto, ascende a figura de Jair Bolsonaro, um militar da reserva com um longo histórico no parlamento brasileiro, já figurando como pré-candidato à presidência da república em 2018.

Como se pode observar, o tema da polarização ideológica é relevante e atual, pois a discussão extrapola os limites geográfico do território brasileiro e encontra-se na pauta das discussões em vários países do mundo. O cerne do trabalho é analisar as razões pelas quais uma grande parcela da população mundial clama por líderes com posturas mais éticas, firmes e impositivas. O artigo encontra-se dividido em dois tópicos: o primeiro analisa os fatores que estimulam e alimentam a intolerância e o segundo o novo racismo

e o islamismo. Por fim, para a confecção deste trabalho, os autores procederam com pesquisas de natureza qualitativa e bibliográfica, realizadas por meio de livros, periódicos e efemérides nacionais e estrangeiras.

2 Análise dos fatores que estimulam e alimentam a intolerância

As diferenças sempre causaram atritos entre pessoas. À medida em que a humanidade evolui, as relações se tornam mais complexas e essas diferenças ficam ainda mais evidentes. Exclusões sempre existiram e a polarização entre “nós” e “os outros” nunca foi tão propalada (DOTY, 2003, p. 18). Um dos aspectos marcantes que mais causa atritos entre as pessoas é quanto à origem territorial. Em tempos de globalização, as desavenças decorrentes da territorialidade ficam mais evidentes. É que o mercado propicia uma maior locomoção às pessoas, que migram de seus países de origem para outros, muitas vezes em busca de melhores condições de vida, levando consigo toda uma bagagem⁴ cultural⁵, religiosa e de costumes para o local de destino. Outras razões ainda podem ser mencionadas como fatores desencadeadores da imigração, como guerras, disputas religiosas, políticas, econômicas e até fome etc (KLEIN, 2000, p. 13).

4 George Ritzer (2007) cunhou o termo *Hybridization*, o qual diz respeito à mistura de dois ou mais elementos de diferentes culturas. Ex: turistas de Uganda visitando Amsterdã para assistir duas marroquinas lutando boxe tailandês; argentinos assistindo a uma banda sulamericana tocando rap asiático, em um clube londrino, de propriedade de um árabe; *bagels* irlandeses, tacos chineses, pizza de Kosher etc.

5 Gilles Lipovetsky (2011, p. 15) trata da unificação do mundo por meio da cultura, ou, como denominado pelo autor, “cultura-mundo”. A revolução das comunicações impactou no mercado da cultura. Foram constituídas vastas redes transnacionais de comunicação, para espalhar pelo globo bens de consumo desejados pelos insaciáveis consumidores do mercado globalizado.

Roland Robertson (1992) cunhou o termo glocalização, ao trazer a ideia de um processo de interpenetração entre o local e o global. Para o autor, o global alberga a ideia de correlação entre o universal e o particular. Em outras palavras, o local é produto do global, não sendo o local considerado como algo substantivamente homogêneo. Zygmund Bauman (2017) também trata do termo glocalização, enquanto fenômeno para se compreender o efeito que o tempo tem no espaço. Para Bauman, as distâncias geográficas não mais são relevantes. No mesmo sentido, a proximidade física entre pessoas ou territórios é um fator de influência relativa, mas não fator determinante nas relações. Os estímulos podem ser originados localmente, mas os seus impactos podem se dar globalmente e vice-versa, ou seja, um estímulo global pode impactar localmente, e um estímulo local pode vir a impactar globalmente.

Peter Beyer (2011, p. 98) também analisa a correlação entre o local e o global, ao sustentar que o global não pode ser global, a não ser que seja uma versão plural do local. Complementando a opinião de Robertson e Bauman, o autor afirma que a ideia de glocalização faz depreender que o global se manifesta e se impõe pelo local, enquanto o local surge como uma individualização do global. A globalização possui uma conotação, assim, de espaço, de limite geográfico. O planeta, em termos territoriais, nesse sentido, emana influências que condicionam ou determinam comportamentos.

A *World Wide Web*, ou Rede Mundial de Computadores, representa uma forma de interligação do local com o global, pois permite que o usuário tenha à sua disposição uma ilimitada gama de informações, podendo fazer uso desse conhecimento para fins diversos - bons ou maus. Essas informações viabilizam a homogeneização inclusive comportamental, pois uma moda produzida nos Estados Unidos, na França

ou na Itália, por exemplo, em pouco tempo atinge longas distâncias, influenciando na produção e na construção de conformidades locais.

Gonçal Mayos (2017, p. 359 - 360) utiliza-se do termo “turboglobalização” para descrever a aceleração exponencial de todos os parâmetros de interação. Para o autor, as nossas ações atingem pessoas e territórios distantes em alta velocidade e o *feedback* dessas ações retornam com uma intensidade e consequências impensáveis até alguns anos atrás. A turboglobalização afeta principalmente as informações, as tecnologias e o mercado financeiro e especulativo que influencia diretamente a política tradicional.

Retrocedendo ao assunto abordado no parágrafo de abertura desse tópico, relativamente aos fatores que causam atritos entre as pessoas, tais como as diferentes origens territoriais do povo de uma dada sociedade, e, consequentemente, diferenças culturais, religiosas e de costumes, Bolívar Lamounier (2016, p. 13 - 14) acrescenta a esses fatores causadores de atritos, o fenômeno da ideologia. O autor justifica a sua colocação a partir da derrocada do fascismo “e o colapso da URSS e de seus satélites no Leste Europeu na virada do século XX para o XXI”, o que, ao contrário do que se pode pensar, encontram-se (o fascismo e o marxismo) vivos, intolerantes e causando atritos em várias partes do mundo.

À medida em que uma ideologia cria corpo, naturalmente surge oposição. Assim, vulnerabiliza-se a democracia que fica acuada entre o marxismo e o fascismo, democracia essa que, de tão “politicamente correta”, acabou por, em alguns casos, estimular a prática da corrupção, o que a enfraqueceu ainda mais, levando a população à hostilidade para com as instituições democráticas locais. Assim, há uma expressiva parcela da população mundial hostil “às instituições da democracia representativa”, o que justifica em alguns casos a evidência de alguns líderes de matizes nacionalistas

e antiliberais, a exemplo de Donald Trump, Marine Le Pen, Geert Wilders e Jair Bolsonaro.

Esses representantes da direita buscam insurgir-se contra o “‘ideologismo’ exaltado e virulento, embora não monolítico e de alcance mundial como o foi no passado o marxismo-leninismo”, tendo como pano de fundo o levante da bandeira contra o terrorismo internacional, em especial o patrocinado pelo fundamentalismo islâmico (LAMOUNIER, 2016, P. 14).

Como se pode depreender, há varios fatores que estimulam e alimentam a intolerância. O tópico seguinte analisa o aspecto religioso enquanto combustível que inflama o *new racism*, principalmente em países onde há um grande fluxo de estrangeiros, para onde migram fugindo de guerras, fome e outros tipos de infortúnios.

3 O Novo Racismo e o Islamismo

Cigdem Kentmen-Cin e Cengiz Erisen (2017, p. 4) afirmam que a Europa tem sido um local de destino para milhões de pessoas que emigram de seus países de origem para lá tentarem a sorte, desde o pós 2ª Guerra Mundial. Entre 1945 e 1970, o imigrante e seus familiares vinham principalmente da Turquia e de Estados pós-coloniais, tais como Marrocos e Argélia, ou de Estados então que compunham a antiga União Soviética, no Leste Europeu. A imigração aumentou com a crise dos anos de 1970 e novamente com a dissolução da antiga União Soviética, e, mais recentemente, com os conflitos no Oriente Médio.

É nesse contexto imigratório que surgem determinados conflitos, entre os locais e os imigrantes. Nas pesquisas empreendidas pelos autores desse artigo, consta como sendo de autoria de Martin Barker (1981) o termo *new racism*. Não se trata, de acordo com o referido autor, de uma discriminação

racial, pautada em ideias de raças com diferenças biológicas, nos moldes ocorridos no século XIX. Em verdade, o novo racismo nasce como decorrência de sentimentos antagônicos oriundos de estrangeiros que imigram para um dado território. Assim, o *new racism*, ou *neo-racism*, ou, ainda, *racism without race* não decorre de hereditariedade biológica, mas de insuperáveis diferenças culturais. Esse é o escólio de Etienne Balibar (1991, p. 21) para quem

It is a racism whose dominant theme is not biological heredity but the in surmountability of cultural differences, a racism which, at first sight, does not postulate the superiority of certain groups or peoples in relation to others but 'only' the harmfulness of abolishing frontiers, the incompatibility of life-styles and traditions⁶.

Um grupo social não é superior ao outro, isso é certo, mas a reiterada tentativa de se abolir fronteiras pode impactar nos estilos de vida e nas tradições de uma dada comunidade (DOTY, 2003, p. 19). A mistura de culturas pode comprometer a identidade de um indivíduo, de um grupo e/ou de toda uma sociedade, e isso pode desembocar em conflitos sociais. Como conseqüência, há uma tendência da comunidade local em exacerbar no purismo cultural, levando indivíduos com culturas diferentes ao isolamento, ou mesmo até à eliminação desse chamado *false element*.

A abolição de fronteiras, como defendem alguns, permitindo-se a coexistência de diferentes culturas num dado território pode naturalmente levar a conflitos sociais. Roxanne Lynn Doty (2003, p. 20) sugere que fronteiras sejam reforçadas, a fim de se evitar conflitos. Para essa autora (DOTY, 2003, p. 23), o neorracismo decorre da imigração em

6 Trata-se de um racismo cujo tema dominante não é a hereditariedade biológica, mas o da sobremutabilidade das diferenças culturais, um racismo que, à primeira vista, não postula a superioridade de certos grupos ou povos em relação a outros, mas apenas a nocividade de abolir as fronteiras, a incompatibilidade de estilos de vida e tradições. Tradução dos autores.

massa, geralmente de pessoas oriundas de países terceiro-mundistas, de população predominantemente não-branca, com destino a países ocidentais industrializados, estes compostos de população de maioria branca.

Samuel Huntington (2001, p. 263) de há muito já proferia que nos países desenvolvidos há uma população envelhecendo e decrescendo, enquanto que nos países subdesenvolvidos a população encontra-se em franca expansão, posto que composta majoritariamente por pessoas mais jovens, que são justamente as que imigram e as que causam instabilidade e terrorismo nos países desenvolvidos. Ainda para o autor, quem mais sofre com o problema narrado são os Estados Unidos, a Europa e o Japão, que têm recebido um número cada vez maior de jovens provenientes de países subdesenvolvidos, e que não querem se amoldar à cultura e aos costumes locais, mas impor a sua cultura e os seus costumes nas comunidades onde escolhem fixar residência.

O imigrante, em muitos casos, é um estranho, um indigente, que abandona o seu país de origem em busca de melhores condições de vida em países desenvolvidos. Isso é normal e até salutar. Ocorre que, muitas vezes, esse mesmo imigrante se torna um perigo para uma dada sociedade, pois pode vir a ser considerado uma ameaça à ordem pública, e pode comprometer a paz social, conforme explica Roxanne Lynn Doty (2003, p. 27):

The figure of the stranger and the figure of the pauper come together in contemporary times in the figure of the non-European, Third World immigrant. Like the stranger and the pauper the immigrant has been frequently constituted as a danger to the social order. Responses vary, but all seek to combat disorder, to overcome ambivalence, to recode and reterritorialize, to reassert and reconstruct identities and criteria of belonging, to reassert the unity of the nation-state. These attempts come from various directions but, all are illustrative of the desire for order. All are practices of inscribing meanings and identities in those ambivalent

spaces between the inside and the outside, between order and disorder, between clarity and ambiguity. They are, in a word, practices of statecraft. Today's immigrant is both stranger and pauper, simultaneously constituted by the social order, and deemed a threat to it⁷.

Em especial, o fator religioso é visto como uma das modalidades de *new racism*. [Michael Lipka](#) e [Conrad Hackett](#) (2017) sustentam que o islamismo é a religião que mais cresce no mundo. O efeito desse crescimento é a sua inevitável expansão. Ou seja, muçulmanos, por motivos diversos, emigram de seus países de origem com destino a vários países, principalmente os europeus. O resultado disso é um conflito aberto entre a comunidade local e eles, os “forasteiros”.

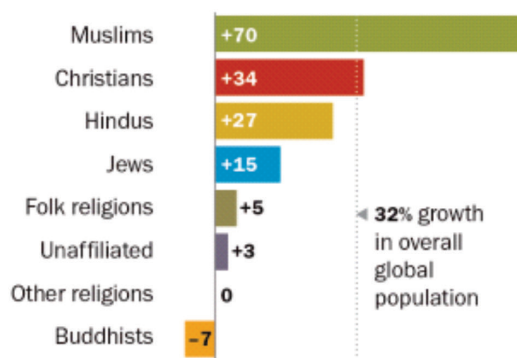
E a tendência ao longo desse século XXI é um acirramento nos conflitos religiosos. Há estudos que comprovam que em até cinquenta anos, o cristianismo deixará de ser a religião com o maior número de adeptos, sendo superado pelo islamismo. O *Pew Research Center*, localizado em Washington, DC, nos Estados Unidos, é uma entidade que tem analisado a expansão do islamismo. De acordo com esse centro de pesquisa, o islamismo crescerá mais de duas vezes mais rápido do que a média populacional do globo entre 2015 e 2060, e, na segunda metade desse século, será a reli-

7 As figuras do estrangeiro e do proletário são vistas na contemporaneidade como o imigrante não-europeu, do Terceiro Mundo. Como o estrangeiro e o proletário, o imigrante tem sido frequentemente encarado como um perigo para a ordem social. As respostas variam, mas todas procuram combater a desordem, superar a ambivalência, recodificar e reterritorializar, reafirmar e reconstruir identidades e critérios de pertença, reafirmar a unidade do Estado-nação. Essas tentativas vêm de várias direções, mas todas ilustram o desejo de ordem. Todas são práticas de inscrição de significados e identidades nos espaços ambivalentes entre o interior e o exterior, entre ordem e desordem, entre clareza e ambiguidade. São, em uma palavra, práticas de políticas de Estado. O imigrante de hoje é ao mesmo tempo estranho e indigente, simultaneamente constituído pela ordem social, e considerado uma ameaça. Tradução dos autores.

ção com o maior número de membros do mundo (LIPKA; HACKETT, 2017).

Muslims projected to be fastest-growing major religious group

Estimated percent change in population size, 2015-2060



Source: Pew Research Center demographic projections. See Methodology for details. "The Changing Global Religious Landscape"

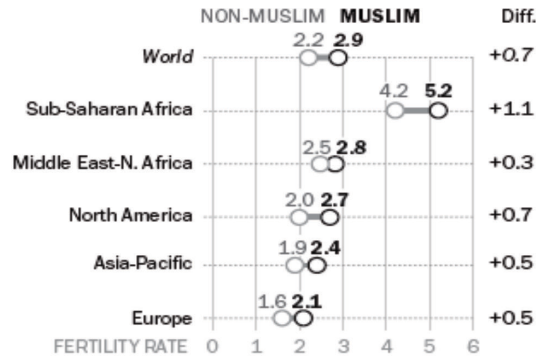
PEW RESEARCH CENTER

Fonte: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/06/why-muslims-are-the-worlds-fastest-growing-religious-group/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Enquanto que a população mundial tem uma projeção para crescer em torno de 32% nas próximas décadas, o número de muçulmanos crescerá em torno de 70%, saltando de 1.8 bilhões de pessoas em 2015, para aproximadamente 3 bilhões até 2060. Em 2015, a população mundial já contava com 24,1% de muçulmanos. Quarenta e cinco anos mais tarde, esse percentual será de 31,1%, ou seja, para cada 10 habitantes do planeta, mais de três serão muçulmanos (LIPKA; HACKETT, 2017).

Muslim and non-Muslim fertility rates, by region, 2015-2020

Estimated number of children per woman



Note: Latin America-Caribbean not shown due to lack of reliable data. Differences calculated based on unrounded numbers.

Source: Pew Research Center demographic projections. See Methodology for details.

"The Changing Global Religious Landscape"

PEW RESEARCH CENTER

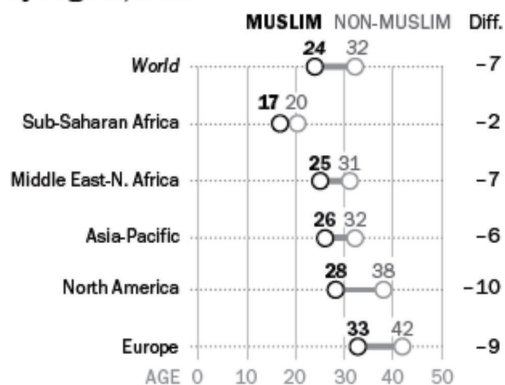
Fonte: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/06/why-muslims-are-the-worlds-fastest-growing-religious-group/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

A principal explicação para essa expansão, segundo o estudo, é por motivo de natalidade. Os muçulmanos têm mais filhos dos que os sete grupos religiosos analisados pelo *Pew Research Center*. As mulheres muçulmanas têm em média 2,9 filhos, o que supera as mulheres cristãs, que têm 2,6 filhos, em média, e as mulheres de religiões diversas, que têm, aproximadamente, 2,2 filhos. Em todas as regiões do planeta analisadas onde há muçulmanos, a taxa de fertilidade supera a das outras religiões (LIPKA; HACKETT, 2017).

Um fator que auxilia na alta taxa de natalidade dos muçulmanos é a idade. Os muçulmanos têm a idade média mais jovem - 24 anos -, mais de sete anos menos do que a

idade mediana dos demais grupos religiosos. Uma proporção maior de muçulmanos em breve estará na fase procriativa de suas vidas. Isto, combinado com altas taxas de fertilidade, acelerará o crescimento da população muçulmana (LIPKA; HACKETT, 2017).

Muslim and non-Muslim median age, by region, 2015



Note: Latin America-Caribbean not shown due to lack of reliable data. Differences calculated based on unrounded numbers.

Source: Pew Research Center demographic projections. See Methodology for details. "The Changing Global Religious Landscape"

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/06/why-muslims-are-the-worlds-fastest-growing-religious-group/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Mais de um terço dos muçulmanos estão concentrados na África e no Oriente Médio, regiões esperadas para ter o maior aumento da população islâmica. O estudo ainda revela que os muçulmanos na África subsaariana, em média, são mais jovens e têm maior fertilidade do que a população geral da região. Os únicos locais do planeta onde a religião muçulmana deve crescer menos é na América Latina e no

Caribe, onde vivem relativamente poucos muçulmanos (LIPKA; HACKETT, 2017).

Já na Índia, o número de muçulmanos cresce a uma taxa mais rápida do que a parcela da população do país composta por outras religiões, e deverá aumentar de 14,9% da população indiana, de acordo com levantamentos feitos em 2015, para 19,4% (ou 333 milhões de pessoas), até 2060. E, embora haja um número similar de muçulmanos e cristãos na Nigéria, também de acordo com levantamento feitos em 2015, os muçulmanos têm uma maior fertilidade e esperam crescer para uma sólida maioria da população (60,5%), até 2060 (LIPKA; HACKETT, 2017).

A população local de vários países tem demonstrado preocupação com esse crescimento vertiginoso de muçulmanos no mundo. E essa preocupação tem justificativa. O número de atentados perpetrados por radicais islâmicos pelo mundo é alarmante. Quando esse artigo estava sendo escrito, por exemplo, houve um atentado terrorista em Manchester, Inglaterra, que levou 22 pessoas a óbito e feriu 59 (WITTE *et al*, 2017). Nesse viés, cumpre mencionar que vários dos ataques jihadistas na Europa foram perpetrados por cidadãos europeus de segunda geração, que não haviam sido profundamente islamizados, mas que recentemente se radicalizaram (MAYOS, 2017, p. 365).

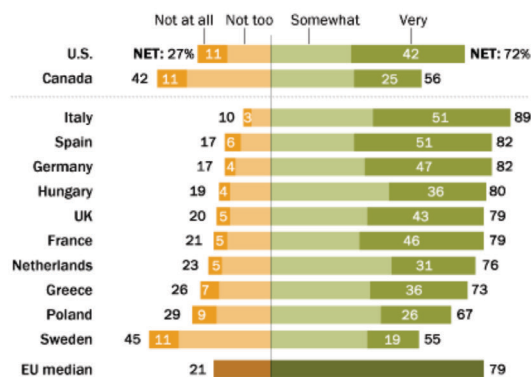
O mesmo *Pew Research Center* divulgou outro estudo em que cidadãos europeus, norte-americanos e canadenses nutrem preocupação com a ameaça do extremismo islâmico em seus países. O estudo foi realizado em 12 países, no período compreendido entre fevereiro e abril, do ano de 2017, e revelou que a população desses países encontra-se preocupada com esse extremismo religioso em nome do Islã. A média da população nesses países preocupada com o radicalismo islâmico é de 79%. Apenas 21% da população desses países não demonstra preocupação (POUSHTER, 2017).

A questão do extremismo em toda a Europa se manifestou de várias maneiras nos últimos anos, incluindo ataques terroristas significativos e mortais em Paris, Bruxelas, Berlim e, conforme anteriormente mencionado, Manchester, todos reivindicados pelo Estado islâmico (ISIS), que se baseia no Iraque e na Síria. E, enquanto os incidentes terroristas individuais tendem a aumentar, o temor da população dos países atingidos aumenta na mesma proporção.

Os percentuais das populações dos países europeus preocupados com o extremismo religioso do Islã são elevados, segundo o *Pew Research Center*. Eis os números: 51%, na Itália e Espanha, 47% na Alemanha, 46% na França e 43% no Reino Unido. Enquanto isso, menos de 15% da população desses países não está preocupada com a ameaça do extremismo em nome do Islã.

Pervasive concern about Islamic extremism across Europe and North America

How concerned are you about extremism in the name of Islam in our country these days?



Source: Spring 2017 Global Attitudes Survey, Q20

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: < <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/06/why-muslims-are-the-worlds-fastest-growing-religious-group/> >. Acesso em: 17 jul. 2017.

O temor acerca do extremismo religioso islâmico é mais evidente, ainda segundo o *Pew Research Center*, entre os idosos e aqueles que se consideram à direita do espectro ideológico. Por exemplo, no Reino Unido, 87% da população acima dos 50 anos de idade está preocupada com o tema, em comparação com 61% entre os britânicos com idades entre 18 e 29. No que diz respeito à ideologia, as diferenças de percentuais existem. Os que se dizem de direita demonstram mais preocupação dos que os que se dizem de esquerda. Por exemplo, no Canadá, 66% dos que se dizem de direita dizem que estão preocupados com o extremismo, em comparação com apenas 30% dos que se dizem de esquerda (LIPKA; HACKETT, 2017).

Já existem estudos em que se prevê a desintegração da União Europeia por motivos religiosos, culturais e econômicos em um futuro não muito distante. As razões apontadas por Alberto Vespaziani (2017, p. 15) para tanto são consequências ainda da crise econômica de 2008, a tensão com a Grécia, o retorno de uma política anti-européia em muitas esferas públicas nacionais, o Brexit, a explosão de conflitos internacionais como os provocados pela Primavera Árabe e a escalada de tensões na Síria, Irã e Arábia Saudita, a intensificação de movimentos migratórios maciços e incontroláveis, o fortalecimento do ISIS com ataques terroristas em solo europeu e uma Rússia beligerante.

Para o autor, são imagináveis três possíveis cenários futuros para a União Europeia. No primeiro, a atual estagnação continua, enquanto as elites agem como se nada estivesse errado. Esse é o cenário denominado “Titanic”. Uma segunda possibilidade é que possa haver um colapso súbito e violento, no qual as instituições da União Europeia são esmagadas pela intensificação das pressões internas e externas. É o cenário do “Apocalypse Now”. Finalmente, supondo que as instituições européias continuem a ser impulsionadas por instituições

locais resilientes e burocratas, poderá ocorrer uma mudança no eixo de poder do atual centro em Bruxelas-Estrasburgo para uma pluralidade de cidades da Europa. O nome desse cenário é “Metropolis” (VESPAZIANI, 2017, p. 16).

Como se pode perceber, são muitos os desafios para esse início de século XXI, em especial para se manter a unidade no bloco europeu. Em especial, o ponto nevrálgico mais urgente, na opinião dos autores desse artigo, é como inserir os imigrantes, que carregam consigo identidades religiosas próprias, bem como ideológicas, culturais etc, nas comunidades locais para onde eles se destinam, sem causar transtornos aos nacionais. Trata-se de tarefa de difícil resolução, pois há inflexibilidade de ambos os lados e à medida em que o tempo passa, as “feridas” sociais só aumentam, principalmente pelo crescimento da atuação de fundamentalistas islâmicos que deturpam o Alcorão.

4 Conclusão

As forças antagônicas da esquerda e da direita acabam por ter pontos em comum: tendenciam ao antiliberalismo e ao nacionalismo exacerbado; ambas atacam veladamente a democracia representativa e as instituições democráticas; as duas pregam a revolução e aceitam a violência como parte do processo de mudança da sociedade. Enfim, esses opostos têm em comum o ataque ao liberalismo político, um dos pilares do regime democrático.

Como o foco desse trabalho foi a análise do fortalecimento da direita, na Europa e nos Estados Unidos da América, chegou-se à conclusão de que o fundamentalismo islâmico explica, pelo menos em parte, a razão pela qual uma parcela significativa da população dessa parte do globo almeja o recrudescimento da direita.

E há uma tendência natural dos conflitos sociais aumentarem nessas regiões, pois, como visto, o número de muçulmanos, até 2060, superará o número de cristãos. Com efeito, o nó górdio a ser desatado ao longo desse século XXI é justamente encontrar um ponto de equilíbrio na inserção de imigrantes, que carregam consigo uma bagagem religiosa, ideológica e cultural própria, nas comunidades locais para onde eles se destinam, sem causar transtornos aos nacionais.

Não se crê que esse problema possa ser resolvido, pois há inflexibilidade de ambos os lados e à medida em que o tempo passa, as “feridas” sociais só aumentam, principalmente pelo crescimento da atuação de fundamentalistas islâmicos que deturpam o Alcorão. Assim, além da esquerda e da direita que têm em comum um viés antidemocrático, surge mais um elemento para açodar os conflitos sociais – o fundamentalismo islâmico. Assim, não se sabe ao certo se a democracia liberal sobreviverá diante de uma era de intolerâncias e polarizações.

Referências bibliográficas

BALIBAR, Etienne. *Is There a 'Neo-Racism'?* Disponível em: < <https://204racethought.wikispaces.com/file/view/Balibar+Is+There+a+Neo-Racism.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BARKER, Martin. *The New Racism*. London: Junction Books, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *On glocalisation coming of age*. Disponível em: < <https://www.socialeurope.eu/2011/08/on-glocalization-coming-of-age/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BEYER, Peter. *Globalization and glocalization*. London: SAGE, 2011.

DOTY, Roxanne Lynn. *Anti-Immigrantism in Western Democracies. Statecraft, desire, and the politics of exclusion*. 1. ed. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.

HUNTINGTON, Samuel. *Migration flows are the central issue of our time. Constant stream prevents assimilation*. Disponível em: < <http://www.thesocialcontract.com/pdf/eleven-four/xi-4-263.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2017.

KENTMEN-CIN, Cigdem e ERISEN Cengiz. *Anti-immigration attitudes and the opposition to European integration: A critical assessment*. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1465116516680762>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América? A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 2000.

LAMOUNIER, Bolívar. **Liberais e antiliberais: a luta ideológica do nosso tempo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LIPKA, Michael; HACKETT, Conrad. *Why Muslims are the world's fastest-growing religious group*. Disponível em: < <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/06/why-muslims-are-the-worlds-fastest-growing-religious-group/>>. Acesso em: 31 mai. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. O reino da hipercultura. Cosmopolitismo e civilização ocidental in Gilles Lipovetsky e Hervé Juvin (eds.), **O Ocidente mundializado. Controvérsia sobre a cultura planetária**. Lisboa: Edições 70, 2011.

MAYOS, Gonçal. *Atracción y repulsión ante la turboglobalización y los fenómenos-inter integración político-econó-*

mica, interconstitucionalidad e interculturalidad in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, n. 115, pp. 357-390, jul./dez. 2017. Disponível em:<<https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/518/437>>. Acesso em 27 abr. 2018.

POUSHTER, Jacob. *Majorities in Europe, North America worried about Islamic extremism*. Disponível em:<<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/05/24/majorities-in-europe-north-america-worried-about-islamic-extremism/>>. Acesso em: 31 mai. 2017.

RITZER, George. *The globalization of nothing 2*. Thousand Oaks, California: Sage Publications LTD, 2007.

ROBERTSON, Roland. *Globalisation. Social theory and global culture*. London: Sage Publications LTD, 1992.

SILVERMAN, Maxim. *Deconstructing the Nation: Immigration, Racism, and Citizenship in Modern France*. London: Routledge, 2014.

VESPAZIANI, Alberto. *A crise da União Europeia: apocalypse now? In*

Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, n. 114, pp. 13-29, jan./jun. 2017. Disponível em:<<https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/462/386>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

WITTE, Griff, ADAM, Karla, MEKHENNET, Souad. *British prime minister raises nation's threat level, saying another attack 'may be imminent'*. Disponível em:<<https://www.washingtonpost.com/world/lone-attacker-detonated-device-at-manchester-concert-killing-22-including-children/2017/05/23/027d414c->

3f57-11e7-b29f-f40ffced2ddb_story.html?hpid=hp_rhp-top-table-main_no-name%3Ahomepage%2Fstory&utm_term=.9b936ae890e2>. Disponível em: 22 mai. 2017.

Recebido em 18/07/2017

Aprovado em 23/04/2018

Átila de Alencar Araripe Magalhães

Email: atila@leiteararipe.adv.br

Renata Albuquerque Lima

Email: realbuquerque@yahoo.com

Natércia Sampaio Siqueira

Email: naterciasiqueira@yahoo.com.br

